

A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção — Rua de Santa Anna

Orgão republicano do concelho de Ovar

Publicação semanal

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURAS

Em Ovar (villa), semestre.	500 réis
Para fóra da villa, continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre.	700 »
AVULSO.	20 »

Propriedade da Empresa do jornal A PATRIA

ANNUNCIOS

Primeira publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis. Premanentes e reclames, a preços convencionaes. COMMUNICADOS a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Composição e Impressão — Typ. Silva (a vapor), Aveiro

A obriga

GOVERNAR COM A LEI...

Vae para dois anos e pico que D. Manoel, rei de fresco, vindo ao Norte colher adezões e simpatias para o seu trono, gafado até á raiz, no Porto disse em allocução official que seria, em todos os lances, lealmente e legalmente um monarca constitucional. «Governar sempre com a lei, de que sou o primeiro servidor e que o primeiro se-rei a strictamente cumprir, juro-o» mais ou menos, com estas palavras, mas, de seguro, com este sentido o afirmou, no Porto, o reinante.

Ora vae a caminhar para trez anos que D. Manoel tão felismente nos reje, e neste curto espaço de tempo já a majestade assinou dois decretos de dissolução das côrtes, e cinco vezes houve por bem adiar o parlamento. Agora assina novo decreto adian-do as côrtes—para o Perú do Natal, o que nos dá, em conta global, desde o seu advento ao trono, seis adiamentos e duas dissoluções.

A carta constitucional, boa prenda d'um habil absolutista disfarçado de revolucionario liberal, confere ao rei, entre as atribuições da sua função moderadora, aquelas de adiar e dissolver parlamentos, como de convocar-os, pois que nesta mistificação grosseirissima as côrtes, por direito proprio, nunca teem força de reunir-se. Mas concedendo ao chefe d'estado poderes de tamanha e tão deciziva magnitude, ainda assim, a *carta-outorgada* (como nos vexa e humilha a justeza e o contundente do termo) acauteladamente preceitua que só em cazos especiaes, de publica necessidade, e em momentos gravissimos, tal privilegio tem cabimento. Fóra desses cazos de especialissima e seriissima continjencia, o dever do reinante é não entrar a normalidade do legislativo, e, portanto, não opôr o seu veto ás determinações legaes que indicam como, quando e de que modo devem ter ezistencia as camaras.

No tempo do rei D. Carlos entrou-se no habito, aliaz já com gloriosos precedentes, de considerar letra morta a lei, sendo para os devidos efeitos *letra viva* o real capricho ou... as reaes conveniências.

Assim por dá cá aquela

palha, o plebeismo ajusta-se ao que pretendemos exprimir, o rei desquitava-se do parlamento mandando-o bujiar com duas garatujas e uma penada de tinta, nunca o abuzo e a ilegalidade tendo feito perder o apetite ao planturozo soberano. Calhou um dia o resvalo dar com ele no Terreiro do Paço, em certa tarde que já parece coçada de citações, e d'ái veio a corôa ao infante que hoje é o monarca radiozo. D. Manoel começou com o pé direito, sem motivo justificado, sem atenuante nenhuma, como primeiro acto do seu reinado... dissolvendo as côrtes. Foi depois disso, préviamente confessado e absolvido da culpa, que no Porto teve afirmações categoricas de cumprir zeloso da lei; abraçada á qual, que dedicação de manco, ia viver e morrer!

Poucos dias durou ao rei aquela devoção legalista; em Lisboa, mal desembarcado do pó da jornada, e baldeada numa intriga palaciana a primeira situação ministerial do seu reinado nascente, lá se foi a promessa embrulhada na papelada do primeiro adiamento do seu reinado. Os actos subsequentes de atentado contra o poder legislativo vieram de seguida como cerejas, tomado o gosto por D. Manoel ao curiozo divertimento. Hoje, pôde dizer-se, a horas d'almoço do seu reinado, a conta está nisto que já mostramos:—duas dissoluções, seis adiamentos...

Nenhuma vez esse privilegio real foi a consequencia duma dura necessidade jeral, nenhuma vez esses feitos de governo pessoal tiveram algo de grande e justo a coonestal-os.

As côrtes nas mãos juvenis de D. Manoel são sacrificadas a caprichos, a planos politicos mesquinhos, a interesses ignobeis, a propozitos de rejedoria irrizerios. O paiz não entra para nada nas contas que determinam essas manobras sem prestimo e sem consistencia, e, ao contrario, sofre em toda a sua vida e em todo o seu labutar com estas manifestações de ilegalidade e instabilidade, que em seu detrimento se urdem.

Não se governa com a lei, como prometeu o reinante em hora de solenidade notoria, não se faz senão imitar, servilmente e cobardemente, a voluntarioza politica pessoal do rei findo trajicamente. D.

Manoel fal-o com um certo tacto que muito faz esperar da sua pessoa, e a prova está nesse plano, muito seu, da reconstituição do rotativismo—reposto no cazulo antigo. Para o levar á efektividade não recua ante os actos do mais descarado *quero e mando*, e aí está a demonstral-o, sem ambajes, o favor do adiamento que abicha, agora, o governo.

Não ha duvida alguma: as côrtes convocadas para iniciarem os seus trabalhos a 23, nenhuma razão se encontra para serem dispensadas até dezembro.

Ha, houve numero legal e suficiente de deputados para entrar o parlamento em ezercicio na data constitucionalmente preficsada, e o facto de arrimado a pretextos especiosos e argumentos *ad hoc* lhe ser marcada nova dilatação, denota que, no reinante, a lei acaba nos limites do seu capricho e na periferia da sua absoluta vontade. Porque convem ao governo o adiamento o rei de pronto o concede, uma vez mais renegada a palavra que alto e bom som afirmou:—nunca dar adiamentos, nem dissoluções.

E' este o respeito que ao monarca merecem as leis, e é esta a sua especialissima maneira de se manifestar, fielmente, um simples rei constitucional. A nós, pessoalmente, nada obriga que os preceitos da Carta sejam o que se vê, servidos praticamente como o são: não saimos a defendel-a, pois que, *carrément*, a combatemos, dezejando-lhe, muito cordealmente, uma fogueira depuradora. Mas se, como inimigos das instituições, nos interessa, até, que os monarchicos a enxovalhem e não sirvam, por a mesma cauza temos que arquivar o processo politico que se patentea nos altos graduados da monarchia. O rei não cumpre os seus deveres de soberano e não honra a sua palavra de rei:—os governos, que teem a vida que lhes empresta a confiança realenga, por sua parte, não escrupulizam em sair para fóra da lei—praticando-o á mais leve futilidade que o interesse de *contraria* lhes aconselhe.

Teixeira de Souza repete os seus antecessores como D. Manoel II perpetua as tradições paternas, que outra couza não se tem feito, este reinado, senão saltar fóra dos

eixos legaes, por um vicio ou uma tendencia constante.

Isto é já o bastante para definir o reinado—mas isto só dóe aos monarchicos quando de cajado e alforjes vasio na penitencia da opozição. Entretanto, nós, republicanos, acentuemos, repitâmos:—rei e chefes de partidos não conhecem mais leis que as suas conveniências d'ocasião. E' assim sempre!...

ANTONIO VALENTE.

ECOS DA SEMANA

Bombas

Andam com sorte os vijias da ordem publica, e anda em verdadeira maré de carvoeiro o liberal ministerio que nos governa. Uns descobriram umas duzias de capsulas de explosivos, e outro viu *consagrada* a sua politica meias tintas com uma declaração do revolucionario:—fabricante de bombas para a possibilidade d'um governo de força, contra cujos reacionarios intuitos as bombas misteriozamente eram preparadas. Ha pois bombas em Portugal—eis o facto que enche de cólera muito santa gente. Ha—os achados a mostram—advertindo-se que essas bombas não passam alem d'um refluxo, natural, fatal.

O povo sente-se espionado, sabe que o odeiam, prevê que, mais dia menos dia, reacionarios ou *liberaes* o montearão como a lobo, e, portanto, para o que der e vier, prepara-se solidamente. As bombas agradecem-as aos 20 de maio, aos 1 de dezembro e aos 5 d'abril,—a todas as chacinas, que, cobardemente, e sem o mais leve motivo cairam sobre populações de zarmadas e pacificas. Gato es-caldado de agua fria tem medo, e por esse fundamento de polpa é que o cidadão se resignou a aceitar a fatalidade de ter de jogar a vida—com boas armas. As bombas que assim revoltam tão boas pessoas, afinal, não são os Borjes quem as manipula.

Essa responsabilidade, bem vistas as couzas, a mais ninguém toca que á policia do fero ex-Hoche, á municipal de pontarias baixas bem alvejadas, e aos governos sempre d'espreita para a *sangria*.

Pelo seu passado e pela sua boa vontade de sempre, esses é que mandam confeccionar bombas, para a rezistencia final.

O seu a seu dono—que é sermos justos.

Lealismo

A contas com as leitugas da opozição amargoza, os do *bloco* não escondem a formidavel dôr de cotovelo que no momento os saltea. Progressistas, henriquinos, sicarios do franquismo e papa-hosias nacionalistas, voz em grita, andam n'um clamor ao redor do trono.

Por tabela trazem já o rei frechado das suas mordacidades e amuos, beliscando-o como homem, como membro de familia... e como rei. Quanto escredinham sae envenenado da peçonha que

eles recozem no torvo peito, um vazodouro que só conhece satisfação, afabilidade, quando as paredes do estomago andam entouridas de gorda pitaça. Vale a pena lel-os, tendo á mão o confronto do que eram quando podêr, para se ficar edificado quando á seriedade e justeza dos sentimentos politicos que os distinguem. Leaes e bajuladores como rafeiros d'infima bitola quando o rei lhes conserva o mel do governo, repontões e grosseiros quando de monco caído, nas vacas magras do ôlho da rua.

Por enquanto ainda apelam feio e rijo para o soberano, amanhã, não escutados no Paço, aí os teremos de barrete frijio dando d'ôlho á republica e falando com enternecidos modos do povo. Essa obra virá se o capricho de D. Manoel por Teixeira de Souza fôr aguentando, é bom cá dentro não o esqueçermos. A republica não é pano verde de maquiavelismos monarchicos, pas-sajeiramente, a ferro e fogo com o seu rei, e nós outros, republicanos, não temos como função reformista e inovadora o auxiliar servos da corôa em occasiões de aperto, dando-lhes a mão para escalarem as secretarias ministeriaes.

Portanto—de pedra no sapato, e fóra com eles, quando cá venham.

Correios

Não ha possibilidade de se trocarem uns cobres com o estrangeiro por falta, no nosso correio, de impressos de vales internacionaes. Fóra d'Ovar o mesmo sucede em soma de povoados graudos, de modo que as mais simples relações d'intercambio comercial sofram deveras, podendo considerar-se suspensas. Pela falta—não gracejamos—d'uns pequenos papeluchos que as tipografias, n'um pronto, põem á disposição de quem os precize, apenas por isso, ó pacientes portuguezinhos!... Era de morrer a rir como a alegre Maria Rita, se não fosse uma dessas dezaforadas poucas vergonhas em que os correios chanceam.

E não tem volta—aquela lindeza...

A fala

D. Manoel, pela segunda vez no ano de Cristo decorrente, lá foi ha dias até S. Bento botar fala na sessão real da abertura das côrtes. Disse o rei muitas coizas das que servem todas as vezes, e unicamente, para dizer, e, como de costume, calou aquelas outras que seria um regalo ouvir penduradas dos seus labios de primeiro majistrado da nação. Assim esqueceu-lhe mencionar no discurso que se prestava naquele acto ao frio desempenho d'uma comedia, deliberado como estava a correr os ferrolhos do parlamento a troco d'um pretexto mal remendado; e, ainda, ninguém lhe ouviu patavina quanto á justiza a fazer no episodio delituozo do Credito Predial, caverna de caco aonde os seus mais altos amigos, metendo as unhas, deixaram ficar a honestidade. Tambem se

esqueceu d'aludir aos ponderosos motivos que o forçaram—radioza e jeneroza mocidade— a não meter no decreto da amnistia os encarcerados das associações secretas, por uma sentença do mais alto tribunal do paiz considerados victimas d'uma má interpretação das justicias; e, tambem, o joven monarca não fez ciente ao paiz da sua paixão pelas irmandades e confrarias de santos miudos.

Esqueceu-lhe muito—o melhor—não por habitos de franqueza e veracidade sem quebras mas provavelmente por falta de boa inspiração ao botar da fala.

Pois foi pena que a majestade dissesse o que podia calar, a troco de não dizer o que lhe está na massa do sangue.

CONVOCAÇÃO

AS COMISSÕES PAROQUIAIS E MUNICIPAL D'OVAR

Para tratar d'assuntos respeitantes ás proximas eleições camararias, tenho a honra de convidar as comissões paroquiais d'Ovar e Valega e a comissão municipal a reunirem se no proximo sabado, 1 d'outubro, pelas 7 horas da tarde, no centro partidario.

Ovar, 29 de setembro de 1910.

O prezidente da comissão municipal,

Antonio Valente d'Almeida.

ARA

Raiz

Era uma terra esteril e sombria, sombra que todo o viço renegava... Mas profunda raiz em certo dia, sofreu, vingou e á sombra se abraçava.

E eram tantos os braços que ela abria que a negra sombra, emfim, já verdejava... Mas eram tantos que nenhum crescia, mal a raiz ao peito os sustentava.

Ia-os podar o lavrador: — Pense: «Que suba algum...» mas nisto ao lonje, dentro em sua alma, a Terra-Mãe bradou:

Bemditos são os ramos que rastejam! São os que eu amo... Ai não os cortes! Vê: São os que eu beijo, são os que me beijam.

Antonio Corrêa d'Oliveira.

Banhos de már ás creanças pobres

No verão do ano passado as juntas de parochia de Lisboa, que pertencem ao partido republicano, iniciaram em Portugal uma admiravel obra de beneficencia — os banhos de

már ás creanças pobres. Este ano, neste belo setembro de colheitas, as mesmas juntas de parochia da capital proseguem e ampliam a benemerencia o ano passado iniciada, dando banhos na praia da Trafaria a mil e quinhentos pequenitos; e já no Porto, estimulada pelo humanitario exemplo dos cidadãos de Lisboa, uma comissão republicana dá banhos de már ás creancinhas. Os pequenitos que o partido republicano de Lisboa leva ao contacto reconfortador da agua marinha não recebem apenas o banho, cada turno é presenteado com vestuario, e, vijilantemente, cidadãos delegados das juntas paroquias os acompanham, para que nada seja omitido no proposito determinador de aproveitarem fizicamente todo o bem dos banhos de mar os beneficiados. Este espectáculo que nos oferece uma sociedade, tomando sobre si propria e sem estímulo e auxilio oficial, o encargo dispendiozo de procurar para os menores algo de bem estar e de fecunda hijiene que os torne sadios, melhores e uteis portanto, é comovedor e merece o mais rasgado e decidido aplauzo.

Ele contrasta por demais—e com bem notorio relevo—com o cazo do nosso estado monarchico, tolhido como um paralitico para toda a ação beneficiante e jeneroza, e apenas entregue a locubrções e cuidados de significação degradante. Emquanto os republicanos, simples contribuintes que em jeral não pertencem ás altas camadas do sangue, da riqueza e do ganho, apezar de onerados com pezadas e violentas despezas se devotam ao bem estar e á saúde das creanças, dando-lhes, á sua custa, o meio lavado e vigorizador que as restaure do morbijeno ambiente citadino, sacrificando-se por espirito social de solidariedade e altruismo, enquanto isso se realiza, modestamente e limpidamente, o estado, este nosso mandrião cheio de ignorancia, desmazelo e má fé, por seu lado dá-se a ignorar ainda os menores.

A creança portugueza, merece aos governos do nosso lindo rei D. Manoel II, tantos cuidados e tanto disvelo protetor, como aqueles que se dispensam

nos povoados aos cães sem dono. Que morram por carencia de maternidades, crèches, lactarios; que vejetem nas trevas do analfabetismo, se corrompam nos muldases do vicio, e se envenenem num meio impuro, reduzidas a alimentos irrizorios, isso não monta, não traz vijilias ao sono dos nossos lejisladores «paes da patria». O contraste do seu proceder, comparado com a bela iniciativa republicana, é completo e profundo.

Nós trabalhamos, fundando solidamente o futuro; é o que se vê e é o que fica — ainda que custe a detratores, inconscientes e tolos.

CARTA A UM PADRE

Creio que deves ter visto na *Palavra* ou então no teu incomparavel *Portugal*, aquella folha de tão chibante petulancia e de tão piedozas entranhas. A amnistia afinal sempre veio, enfezadinha e doente como clorotica e abortada filha duma monarchia eminentemente catolica — fidelissima é o seu cognome — e essa coisa natural, judicioza e habil de passar uma esponja sobre ligeiros delictos politicos é o que nem o *Portugal* nem a *Palavra* estavam dispostos a conceder. Não estavam, não. Simplesmente como interpretes e representantes da malquerença individual dos seus redatores e proprietarios, apenas por cazo pessoal de temperamento rancorozo? Tu sabes bem — ó muito bem! — que esses dois bacarmates da fé se varejaram sem repouzo e sem piedade o parto da amnistia o fizeram em nome da igreja, da religião, e da sociedade á sua moda; com a solidariedade clerical, com o aplauzo do nuncio, dos bispos, dos simples parocos. Falavam pelo seu partido, exprimiam os pensamentos e querer do catolicismo. E' verdade, assim foi.

A tua igreja catolica, apostolica, romana, pela palavra escrita de creaturas suas, de categoria no gremio, opôz-se quanto poude, com todas as influencias que possuia, a esse acto normal, comezinho do poder. Os jornalistas catolicos, os padres da tua igreja protes-

taram contra o acto de clemencia, e para se tornarem ouvidos, para serem bem sucedidos chegaram até ao extremo da ameaça — tamanha era a violencia do odio que os incitava contra os perseguidos.

Isso é grave, padre. Revela nos campeões do catolicismo uma paixão de raiva e de intolerancia que o nosso tempo de cordura e magnanimidade não aceita, prova que a igreja que te conta no rebanho dos seus servidores é uma instituição animada dos peores sentimentos humanos. O que o estado monarchico, sabe-se com quanto custo, concedeu, não devia provocar senão os aplauzos de toda a gente, visto como os delictos que foram perdoados, em nenhuma terra do mundo, á face do direito, se consideram crimes comuns. São factos que pôdem, sem duvida, muitas vezes, caracterizarem-se por uma violencia brutal, mas, apezar disso, são factos que em todas as emergencias pertencem a um foro especial, sempre benigno, da justiça.

Que fossem, porém, pelo direito considerados como crimes comuns; conceda-se que é essa a bitola para os apreciar em juristas. O que fizeram, de que são acuzados os cidadãos incursos nos efeitos da amnistia? O que elles fizeram foi combater pela imprensa abuzos e immoralidades do rejime, acuzam-os de, pelo jornal, ter ofendido com escritos um estado de coisas digno das maximas excommunições. Não fizeram nada mais: — não mataram, não roubaram, não semearam a dezorra, não espalharam a calunia trêda. O seu crime consiste n'isto — em serem adversarios sinceros, de processos leaes de combate, da monarchia; por honestamente e seriamente a julgarem uma cauza permanente de malfeitorias.

E' um crime que representa actos dignos, dada a franqueza e verdade das intenções, e conhecida a justiça do juizo que formularam. Nessas condições é estupendo que a igreja saia a campo terçando para que tribunaes iniquos os acossem de perseguições e castigos, e é um cumulo que essa mesma sagrada instituição tenha por criminozo e aviltante que melhores

pensamentos e mais ponderada sizuidez sucedam aos primeiros furores vingativos.

Entre homens, sempre afundados nas suas luctas e sempre divididos, sem tolerancia, nos seus pleitos, já era extranho e altamente censuravel que nem um momento se fizesse ouvir a idea de pacificação; entre religiosos, homens que se despojam da terra, d'olhos postos na eternidade da *outra vida*, que se clame vingança, sempre vingança, é horrorozo e lugubre.

Todas as religiões pregam como fim supremo da moral a santidade, e todas estão de acordo em apontar como caminho, para esse fim supremo, o amor do proximo e o perdão das ofensas.

A expressão culminante d'essa lição superior a tudo é-nos ministrada por Boudha e por Jesus Cristo.

Boudha diz ao seu discipulo que perdôe as bofetadas, os esgarros, o negarem-lhe pão e agua, o ferirem-no, e como o discipulo atonito pergunte — e se me matarem... o mestre responde ainda: — perdoa; perdoa tudo.

Cristo, entre os seus discipulos, ensina-os na lei da fraternidade, e quando lhe falam em julgar diz — que nunca o homem condene o seu semelhante, vós outros perdoae setenta vezes sete vezes; perdoae aos que vos perseguirem e vos matarem.

Diz ainda Jesus: — amae-vos uns aos outros, lizamente; sede como irmãos. Sofrei pacientemente as injuria e maus tractos.

Ora a tua igreja, tu, todos os padres que adoram esse grão-Lamma de Roma, dizeis-vos guardas fieis da tradição e do espirito de Cristo. Essa comunidade intrinseca e indonovel manifesta-el-a soltando gritos d'odio, apostrofes de perseguição, juras de vingança!

Por que o rei assinou um decreto que amnistia França Borges e Arthur Leitão dos seus negativos *delictos* de imprensa chegaes ao rubro branco da furia, e quando o vosso dever era concitar a majestade ao perdão, e eloijal-a pela jenerozidade, o que fazeis é berrar-lhe que não dê amnistia nenhuma, e esse intento não satisfeito, o que vos

Os atomos fojem para toda a vasta natureza, para a luz, para a verdura. Mal ouço o rumor humano. O' antiga Cybele, eu vou escorregar na circulação material do teu corpo! Vejo ainda indistintamente a apparencia humana, como uma confusão d'ideias, de desejos, de dezaletos, entre os quaes passam, diafanamente, bailando, cada-veres! Mal te vejo ó mal humano! No meio da vasta felicidade difuza, do azul tu és apenas como um fio de sangue! As efflorescencias, como vidas esfomeadas, começam a partarem-me! Não é verdade que ainda lá em baixo, no poente, os abutres fazem o inventario do corpo humano? O' materia absorve-me! Adeus! para nunca mais, terra infame e augusta. Eu vejo já os astros correrem como lagrimas pela face do ceo. Quem chora assim? Eu sinto-me desfeita na vida formidavel da terra! O' mundo escuro, de lama e d'oiro, que és um astro no infinito, adeus! adeus! — deixo-te herdeiro da minha corôa pôdre!

(4) Folhetim

EÇA DE QUEIROZ

Memorias d'uma Forca

Assim falava eu na solidão. A noite vinha lenta e fatal. O cadaver baloiçava-se ao vento. Comecei a sentir palpitações d'azas. Voavam sombras por cima de mim. Eram os corvos. Poisaram. Eu sentia o roçar das suas penas imundas; afixavam os bicos no meu corpo; penduravam-se, ruidozos, cravando me as garras.

Um poisou no cadaver e poz-se a roer-lhe a face. Solucei dentro de mim. Pedi a Deus que me apodrecesse subitamente. Era uma arvore das florestas a quem os ventos falavam! Servia agora para afixar os bicos dos corvos, e para que os homens dependurassem de mim os cadaveres, como vestidos velhos de carne, esfarrapados! O' meu Deus! — soluçava eu ainda — eu não quero ser reliquia de tortura: eu alimentava, não quero ani-

quilar; era a amiga do sementeiro, não quero ser a aliada do cozeiro! Eu não posso e não sei ser a justiça. A vejetação tem uma augusta ignorancia: a ignorancia do sol, do orvalho e dos astros. Os bons os anjelicos, os maos são os mesmos corpos inviolaveis, para a grande natureza sublime e compassiva. O' meu Deus, liberta-me deste mal humano tão aguçado é tão grande, que se trespassa a si, atravessa de lado a lado a natureza, e ainda te vae ferir a ti no ceo.

O Deus, o ceo azul, todas as manhãs, me dava os orvalhos, o calor fecundo, a beleza imaterial e fluida da brancura, a transfiguração pela luz, toda a bondade, toda a graça, toda a saúde: — não queiras que, em compensação, eu lhe mostre, amanhã, ao seu primeiro olhar, este cadaver esfarrapado!

Mas Deus dormia, entre estes paraizos de luz. Vivi trez anos nestas angustias.

Enforquei um homem — um pensador, um politico, filho do bem e da verdade, alma formoza cheia das formas do ideal, combatente

da luz. Foi vencido: foi enforcado.

Enforquei um homem que tinha amado uma mulher e tinha fugido com ela. O seu crime era o amor, que Platão chama *misterio*, e Jesus chamou *lei*. O codigo puniu a fatalidade magnetica da atracção das almas, e corrigiu Deus com a forca!

Enforquei tambem um ladrão. Este homem era tambem operario. Tinha mulher, filhos, irmãos e mãe. No inverno não teve trabalho, nem lume, nem pão.

Tomado d'um desespero nervozo roubou. Foi enforcado ao sol posto. Os corvos não vieram. O corpo foi para a terra limpo, puro e são. Era um pobre corpo que tinha succumbido por eu o apertar demais como a alma tinha succumbido por Deus a alargar e a encher. Enforquei vinte. Os corvos conheciam-me. A natureza via a minha dor intima, não me desprezou: o sol alumia-me com a glorificação, as nuvens vinham arrastar por mim a sua mole nudez, o vento falava-me e contava a vida da floresta, que eu tinha deixado, a vejetação saudava-me com meigas inclinações da

folhagem! Deus mandava me o orvalho, frescura que prometia o perdão natural.

Envelheci. Vieram as rugas escuras. A grande vejetação, que me sentia esfriar, mandou-me os seus vestidos d'hera.

Os corvos não voltaram: não voltaram os carrascos. Sentia entrar em mim a antiga serenidade da natureza divina. As efflorescencias, que tinham fugido de mim, deixando-me só no solo aspero, começaram a voltar, a nascer, em roda de mim, como amigas verdes e esperançosas. A natureza parecia consolar-me. Eu sentia chegar a podridão. Um dia de nevoas e de ventos, deixei-me cair tristemente no chão, entre a relva e a humidade, e puz-me silenciosamente a morrer.

Os musgos e as relvas cobriam-me, e eu comecei a sentir-me dissolver na materia enorme, com uma doçura infavel.

O corpo esfria-me; eu tenho a consciencia da minha transformação lenta de podridão em terra. Vou, vou. O' terra, adeus! Eu derramo-me já pelas raizes.

vêmos é, com mal disfarçado azedume, protestar ante o rei contra a clemencia!

Quer dizer, vós todos—igreja, nuncio, bispos, parocos, padres, tendo guerreado sem contempções a amnistia, não perdoastes, não perdoaes—uma vez unica! Sentenciaes—e que sentença tumida de odio e rancor!—contra a expressa prohibição do fundador do vosso credo! Perseguis, não recuaes ante a possibilidade de ser morto quem nem sequer vos esbofeteou!, um novo crime que vos coloca, ainda outra vez, face a face contra Jezus!

Não amaes os outros, pois que tramaes contra o perdão que se lhes concede, crime ainda!, não sofreis pacientemente os maus tratos, porquanto contra quem nenhum mal propriamente vos fez, o que reclamaes é violencia e encarceramento; crime ainda—ainda e sempre!

Ah! Vós não sois cristãos, vós não sois relijiozos. Este facto tão sinjelo, tão anodino, que toda a jente aceita de boa sombra, porque é da natureza de aquelles actos que jámais atentam contra direitos e contra principios humanos, vós outros recebestel-o em trom de guerra, como inquizidores, como demônios, e isto define os admiravelmente.

Sois a intolerancia, sois o rancôr, verdadeiramente, sois o diabo.

Tudo o que comove, tudo o que é belo, o que é santo como o que entenece de piedade e doçura, não o sentis, não o tendes. O que ha na vossa igreja e em vós é maldade—a velha maldade que Jezus Cristo, como tantos outros, veio dizer que se arrancasse dos corações. Padre, a tua relijião impenitente continua a saber apenas palavras de odio, a unica coiza que hoje faz com um certo jeito e uma certa força de vóz é—excomungar, pedir, clamar vingança!

Ahi a tens—a mesma de sempre.

Dantes queimava os que não queriam pensar e viver pela sua formula e pelo seu modelo de bronze, hoje, que não pôde com tribunaes do Santo Officio, torna-se mastim, e ladra furiosamente contra quem quer que passe sem lhe tirar o chapéu. A amnistia abranje, precisamente, livres-pensadores; e por atinjar pessoas extranhas ao gremio da igreja, esta, ferinamente batalhou por invalidal a. A correção mais elementar, neste cazó, mormente, imporia o contrario a creaturas; a uma igreja já se viu o que mandaria. Mas ella é o diabo—queremos dizer, a negação de Jezus, e por tanto, Padre, ha certa logica no seu rosar peçonhento.

Minusculus.

Aos habitantes d'Ovar

==*

Attendendo a que a Camara Municipal d'Ovar tem gerido o municipio d'uma forma bem censuravel pois que nenhuns melhoramentos tem introduzido na villa a não ser o edificio da cadeia e algumas repara-

ções d'estradas feitas nas vespersas d'eleições, durante o periodo de seis annos.

== Attendendo a que consta que tem inactivo um saldo importante no cofre e que empregado em melhoramentos produzirá o juro que se traduzia no goso e conforto dos municipes.

== Attendendo a que os actuaes vereadores o são simplesmente *in nomine* porque os seus muitos afazeres os inhihem de prestar attenções aos serviços camararios e assim o actual Presidente centralisa em si todos os pelouros e não pode, por isso, prestar a devida attenção a cada um em especial.

== Attendendo a que o Presidente tem provado exuberantemente não ter iniciativa alguma e que é contrario, por indole, a qualquer iniciativa alheia.

== Attendendo a que esta villa pelo seu commercio e industria é digna d'occupar um dos primeiros logares no paiz.

== Attendendo a que a actual Camara votou a villa a um tal abandono que se infelizmente fôr visitada por alguma epidemia, como está já prognosticado por medicos eminentes, ella se installará aqui por encontrar o terreno proprio ao seu desenvolvimento, visto que a hygiene tem sido totalmente descurada, e varrerá toda a villa. Então os partidarios do actual Presidente pagarão com a vida e a dos entes que lhes são mais queridos a dedicação que lhe consagram, arrastando, tambem, na corrente as vidas dos que lhes são adversos.

Agora, pois, prova-se á evidencia que a politica do Presidente pode ser uma condemnação á morte de todos os vareiros.

Abram bem os olhos e pensem que a politica é sempre nociva aos interesses da villa e que devem organizar uma lista camararia composta de homens activos (não olhem á politica d'elles) que attendam á hygiene e esthetica d'Ovar.

Sendo a agua um dos elementos mais necessarios á vida e possuindo Ovar mananciaes riquissimos, é um crime votal-os ao mais absoluto desprezo, e é isso o que tem feito o Presidente da Camara.

== Attendendo a que os inconvenientes produzidos por esta inactiva Camara podem ser remediados em parte com a organização d'uma Commissão de melhoramentos que anargie os donativos necessarios para se dar execução aos mais urgentes:

Proponho: Que uma commissão composta pelos ex.^{mos} snrs. dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros, Ernesto Zagallo de Lima, Antonio Valente d'Almeida e o proponente lancem as bases para a organização d'essa Commissão que será permanente e reunirá todas as vezes que fôr necessario, tomando as medidas que julgar convenientes ao desenvolvimento d'esta villa.

Ovar, 22 de setembro de 1910.

Eduardo A. L. Marrecas Ferreira.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fazem annos:

Hoje a snr.^a D. Maria Araujo d'Oliveira Cardoso e o nosso excellente amigo Antonio Dias Simões.

No dia 4 d'outubro, o snr. Manoel de Oliveira Gonçalves.

E no dia 5 o nosso sympathico amigo Gustavo d'Araujo Sobreira.

Cordealmente os felicitamos.

== Ha dias deu á luz, com muita felicidade, um creança do sexo feminino a extremosa esposa do nosso bom amigo Manoel José dos Santos Anselmo.

A creancinha baptisou-se domingo passado na igreja parochial, recebendo o nome de Maria Candida.

Aos paes da recém-nascida os nossos parabens.

== Retirou no fim da semana preterita para a Lomba, onde é parochio, o nosso conterraneo e presado amigo padre João Gomes Pinto.

== Afim de fazer uso d'aguas, partiu segunda-feira para Luso o snr. João d'Oliveira Gomes Silvestre, considerado constructor naval.

== Tem passado bastante doente o pequeno José Maria, filho do nosso presado correligionario e amigo snr. Manoel Dias de Carvalho.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

== Partiu terça-feira para Lisboa com destino ao Pará, o menino Alfredo Coentro de Pinho, dilecto filho do digno secretario da camara e nosso estimado amigo snr. Abel Augusto de Souza e Pinho.

Desejamos-lhe feliz viagem e fortuna.

== Regressaram da sua digressão de recreio por varias terras do paiz os nossos conterraneos Gonçalo Ferreira Dias, Antonio Ramos e Antonio Soares de Souza.

== Retirou para Cantanhede no principio da semana o snr. Delfim José Rodrigues Braga, escrivão de direito d'aquella comarca.

Escolas

Oliveira Lopes

Na freguezia de Vallega realisa-se domingo proximo a entrega solemne ao Estado do novo edificio escolar alli ultimamente mandado construir pelos illustres benemeritos e nossos dedicados correligionarios e amigos, snrs. José d'Oliveira Lopes e Manuel José d'Oliveira Lopes.

A inauguração das escolas, que ficam sendo denominadas *Escolas Oliveira Lopes*, é festejada com uma sessão solemne e distribuição de premios aos alumnos das escolas officiaes d'aquella freguezia, a qual terá logar ás 2 horas da tarde, seguindo-se-lhe um banquete.

Além d'estas, outras festas se projectam n'aquella freguezia em honra dos dois benemeritos cidadãos, entre as quaes um torneio de tiro aos pombos, para o qual nos consta estarem convidados pelo promotor, snr. dr. Antonio da Silva Tavares os atiradores do districto.

Para a festa da inauguração

foram distribuidos convites a varias personalidades do districto e auctoridades, agremiações, imprensa e pessoas de representação d'esta villa.

Inspecções

Concluíram-se no dia 22 os trabalhos de inspecção aos mancebos recenseados no corrente anno pelo concelho d'Ovar para os serviços do recrutamento do exercito e armada, tendo sido o resultado final o seguinte:

Freguezia d'Arada—Inspeccionados 19; sendo apurados definitivamente 9, isentos temporariamente 1, e isentos definitivamente 9.

Cortegaça—Inspeccionados 29; sendo apurados definitivamente 16, isentos temporariamente 2, e definitivamente 11.

Esmoriz—Inspeccionados 30; sendo apurados definitivamente 16, isento temporariamente 1, e definitivamente 13.

Maceda—Inspeccionados 21; sendo apurados definitivamente 12; condicionalmente 1; isentos definitivamente 8.

Ovar—Inspeccionados 117; sendo apurados definitivamente 64; condicionalmente 2; isentos temporariamente 3, e definitivamente 48.

S. Vicente de Pereira—Não compareceu nenhum á inspecção, sendo por isso todos os mancebos apurados nos termos do art. 79 do regulamento, em n.º de 12.

Vallega—Inspeccionados 51; sendo apurados definitivamente 19; condicionalmente 1; isentos temporariamente 3, e definitivamente 28.

Bussaco

Decorreram deslumbrantes as festas commemorativas do centenario da batalha do Bussaco.

D'aqui foi bastante gente assistir a ellas, dando a verdadeira nota de realce as gentis vareirinhas que lá se apresentaram adornadas com os bellos cordões d'oiro que o nosso amigo José Placido Ramos vende a 1:200 réis de feitio.

Tiro

Cerca das 8 horas e meia da noite de 23 do corrente, foi disparado no Furdouro um tiro de espingarda sobre o snr. Antonio Pinto Lopes Palavra, comerciante de pescado d'esta villa, na occasião em que estava á beira mar de guarda e dirigindo os trabalhos de lavagem e salga de sardinha.

Desconhece-se por enquanto quem seja o auctor do covarde attentado, achando-se, porém, detido, por desconfiança, para averiguações, um individuo de Vallega, que poucos dias antes ameaçara o snr. Palavra.

Este felizmente só foi attingido por dois grãos de chumbo na perna direita.

Fallecimentos

Falleceu repentinamente na semana passada em Cortegaça o snr. Manoel Ribas, cunhado do snr. José Pinheiro Garrido, conceituado commerciante d'esta praça.

== Tambem falleceu ha dias na Ponte Nova um filhinho do snr. Joaquim Marques Pereira, empregado nas officinas do caminho de ferro.

O nosso cartão de pezames.

Noticias

do Furdouro

Continua a ser abundantissima a pesca de sardinha na nossa costa. Tem sido tal a quantidade que em geral os negociantes de pescado não teem onde a recolher. Por esta razão se tem vendido nos ultimos dias sardinha de enormes dimensões a 240 reis o milheiro.

== A animação na praia prosegue. Domingo passado houve alli musica de tarde, fazendo-se ouvir a banda dos Bombeiros Voluntarios.

A concorrência, como nos demais dias, foi grande.

== A Assembleia parece cada vez mais animada. A' numerosa e selecta assistencia corresponde o enthusiasmo com que todas as noites se dança até altas horas.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"A VIDA NOS ASTROS,"

Tradução do tenente Moraes Rosa

Se os outros mundos são habitados, como parece estar provado... Se outros planetas, que vagueiam no espaço, teem em si humanidades mais civilizadas talvez do que a nossa... Como será a vida n'esses astros? Como poderemos chegar a corresponder-nos com os habitantes d'esses outros mundos?

Estes assumptos, sempre de palpitante actualidade, sempre de um interesse empolgante, são tratados no novo livro do grande astrónomo francez Camille Flammarion, *A Vida nos Astros*—livro agora traduzido em portuguez, constituindo o quinto volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho.

Sem duvida alguma, *A Vida nos Astros* é uma das obras mais sensacionais, mais instructivas e curiosas dos ultimos tempos. Como será a vida nos outros planetas que vemos brilhar no Céu infinito? Como poderemos nós, um dia, comunicar com as outras humanidades que certamente povôam o espaço? Estas duas questões estudou-as Flammarion com a sua proficiencia, dando-nos uma obra magnifica, não só de um enorme valor scientifico, mas tambem de leitura encantadora, attrahente, emocionante.

A mesma *Bibliotheca de Educação Moderna* já publicou mais quatro livros, verdadeiramente sensacionais, tambem primorosamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se *A Igreja e a Liberdade* e é devido á pena de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se *Socialismo e Anarquismo* e é constituido um estudo, completo e claro, acerca destas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociólogo Hamon.

O terceiro tem este titulo suggestivo: *Descendemos do Macaco?* Nelle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem, respondendo a estas perguntas, que preoccupam todos os espiritos: De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

O quarto volume intitula-se: *Não creio em Deus*. E' a obra mais formidavel que em todos os paizes se tem publicado contra o fanatismo e contra a reacção religiosa.

Preço de cada livro desta bibliotheca: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Remettem-se, pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colónias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

Em Ovar vendem-se no estabelecimento do snr. Silva Cerveira.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$800 a 4\$840 rs. Valor da libra, papel, de 4\$775 a 4\$800 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4 — Londres, valor da libra, 15\$736 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$736 réis, produz em Portugal, ao cambio de 50 1/4—4\$776 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$000 réis, moeda portuguesa.

Preços dos generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qual., 15 k. 1\$300 rs.
» 2.ª » 15 » 1\$250 »

BAIRRADA

» 1.ª qual., 15 k. 1\$200 »
» 2.ª » 15 » 1\$150 »
» 3.ª » 15 » 1\$100 »

Batatas, 15 kilos..... 300 »
Centeio, 20 litros..... 700 »
Fava, 20 litros..... 600 »
Farinha de milho, 20 l. 740 »
» trigo, 1.ª qual. kilo. 103 »
» 2.ª » » 93 »
» cabecinha » 62 »
» semente superfinha » 40 »
» grossa..... 38 »

Feijão vermelho, 20 lit. 900 »
» branco, 20 » 900 »
» mistura, 20 » 700 »
Milho branco, 20 » 700 »
» amarello, 20 » 670 »

Ovos, duzia..... 140 »
Tremço, 20 litros..... 380 »
Azeite, 1.ª qual., litro. 340 »
» 2.ª » » 300 »
» 3.ª » » 280 »

Alcool puro, 26 litros. 6\$760 »
Aguard. de vinho, 26 l. 4\$420 »
» bagaceira, 26 litros. 3\$460 »
» figo, 26 litros... 2\$600 »

Geropiga fina, 26 litros 2\$340 »
» baixa, 26 » 1\$690 »
Vinho tinto, 26 litros. 800 »
» branco, 26 » 900 »
» verde, 26 » 900 »

Vinagre tinto, 26 » 700 »
» branco, 26 » 1\$000 »

No Furadouro

EMPRESAS DE PESCA

«Companha Boa Esperança», «Companha d'Espinho», «Companha do Socorro», «Companha S. José», «Companha S. Pedro».

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Vales até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 5,52 da manhã e 6,16 da tarde e para o Sul pelo das 7,50 da manhã e 10,24 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias..... 25 réis

Idem (idem, idem), cada 15 gr., ou fracção para Hespanha..... 25 réis

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 2 1/2 rs.

Impressos (peso maximo

2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr..... 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção..... 5 réis

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr..... 50 réis
» cada 20 gr. ou fracção 30 »

Bilhetes postaes: cada 20 »
Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um..... 50 réis

Registo—50 réis, além do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, além do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kil.

Vales do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 rs., 100\$000 réis, conforme houveram de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10 »
» 10\$001 » » 50\$000 » 20 »
» 50\$001 » » 100\$000 » 30 »
» 100\$001 » » 250\$000 » 50 »

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 50 »

Valor não conhecido ou declarado..... 500 »

Cheques ao portador..... 20 »

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 »
» 20\$001 » » 50\$000 » 50 »
» 50\$001 » » 250\$000 » 100 »

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 100 »

A mais de 8 dias de prazo

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 »
» 20\$001 » » 40\$000 » 40 »
» 40\$001 » » 60\$000 » 60 »
» 60\$001 » » 80\$000 » 80 »
» 80\$001 » » 100\$000 » 100 »

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100 »

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 »
» 20\$001 » » 100\$000 » 100 »

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100 »

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Thesoureiro—Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Commandante—Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna..... 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores..... 5 »

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta..... 6 »

Bairro d'Arruella até á Poça..... 7 »

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Vilha—Pinheiro e Brejo..... 8 »

Ponte Nova—Ponte Reada e Soberal..... 9 »

Estação Pellames..... 10 »

Estação—Cima de Villa e logares vizinhos..... 11 »

Ribeira..... 12 »

Assões—Granja e Guilhovae..... 13 »

Furadouro..... 14 »

Para cessar—3 badaladas

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro—Manoel José dos Santos Anselmo.

Cartorario—Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico—Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Bibliotheca Escolar

Aberta das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, nos mezes de Maio a Setembro, e das 6

ás 9 da noite, nos mezes de Outubro a Abril.

Nos Domingos e dias Sanctificados estará aberta só de noite.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente—Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria—D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins. Antonio da Silva Brandão Junior. Carrelhas & Filho, Successor. Manoel Ferreira Dias. Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa. João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Viuva de José Maria Pereira dos Santos, do Banco de Portugal.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia Portugal. João José Alves Cerqueira, das Companhias Indemnizadora e Probidade.

João da Silva Ferreira, da Companhia Garantia.

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias Fidelidade e Union y el Fenix Hespanol.

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia Internacional.

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João de Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues de Figueiredo, Manoel Valente de Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitada, Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Hoteis e Hospedarias

Cadete—Estação, Canastreiro—Rua de St.ª Anna, Central—Rua da Praça, Cerveira—Furadouro, Jeronymo—Largo do Chafariz.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa—Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias

Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo—Rua do Bajunco, Viuva Cerveira—Praça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo e Laranjeira, Rua da Praça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Padarias

A Panificadora, Carlota, Ovarense, Patria.

Recebedoria

Recebedor—Antonio Valente Campadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

Horario dos comboios

DESDE 15 DE MAIO DE 1910

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

Estações	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Exp.	Mix.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	4,45	5,19	6,35	7	8,50	9,39	11,20	2,14	3,6	—	5	5,1	6,26	8,45
Campanhã	4,25	5,30	6,59	7,40	9	9,53	11,31	2,25	3,39	3,52	5,1	5,2	6,35	9,5
Gaya	4,38	5,43	7,1	7,22	9,11	10,14	11,45	2,39	3,41	4,29	5,29	5,29	6,47	9,24
Valladares	4,49	5,54	7,9	7,33	—	10,25	11,57	2,51	3,49	4,44	—	—	6,58	9,34
Granja	5,4	6,9	7,19	7,48	9,23	10,43	12,14	3,8	3,58	4,56	5,33	5,47	7,13	9,42
Espinho	5,12	6,17	7,27	7,56	9,29	10,49	12,23	3,14	4,3	5,7	5,39	5,56	7,21	9,53
Esmoriz	5,26	6,31	7,35	8,9	—	11,2	12,36	3,29	4,13	—	—	6,11	7,35	10,4
Cortegaça	5,31	6,36	—	8,14	—	11,7	12,41	3,34	—	—	—	6,17	7,41	—
Carvalheira	5,36	6,41	—	8,20	—	11,11	12,46	3,39	—	—	—	6,22	7,45	—
OVAR	5,47	6,51	7,57	8,31	—	11,23	12,57	3,49	4,31	6,2	—	6,34	7,55	10,24
Vallega	5,5	—	7,56	8,37	—	11,29	1,4	3,56	—	—	—	6,47	—	—
Avanca	6,1	—	8,1	8,42	—	11,35	1,11	4,1	—	—	—	6,46	—	—
Estarreja	6,13	—	8,13	8,55	—	11,49	1,22	4,14	4,59	6,36	—	7,1	—	10,45
Aveiro	6,40	—	8,37	9,21	10,5	12,13	1,48	4,40	5,11	7,12	6,14	7,27	—	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Estações	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,7	—	7,12	8,20	9,50	11,21	2,5	2,20	3,37	6	—	9,57	10,28
Estarreja	4,25	5,30	—	7,42	9,10	10,29	11,49	—	2,50	3,58	6,30	—	—	10,53
Avanca	4,36	—	—	7,53	—	10,31	12	—	3,1	—	6,41	—	—	—
Vallaga	4,42	—	—	7,59	—	10,37	12,7	—	3,7	—	6,47	—	—	—
OVAR	4,50	5,52	7,20	8,6	9,55	10,44	12,15	—	3,14	6,17	6,54	8,30	—	11,12
Carvalheira	5,1	—	7,31	8,17	—	10,55	12,26	—	3,25	—	7,5	8,41	—	—
Cortegaça	5,6	—	7,36	8,22	—	10,59	12,31	—	3,30	—	7,10	8,46	—	—
Esmoriz	5,12	6,5	7,41	8,27	—	11,5	12,36	—	3,35	6,32	7,15	8,52	—	11,27
Espinho	5,29	6,17	7,58	8,43	10,26	11,21	12,51	—	3,39	6,45	7,30	9,10	10,36	11,36
Granja	5,35	6,26	8,4	8,49	10,42	11,17	12,58	—	3,45	6,52	7,36	9,16	10,42	11,40
Valladares	5,54	6,38	8,23	—	11,4	11,45	1,18	—	4,13	7,6	7,53	9,33	—	11,4
Gaya	6,12	7	8,39	9,9	12,12	12	1,33	—	4,26	7,27	8,8	9,48	10,59	12,67
Campanhã	6,23													